



A LEGITIMAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO CIBERESPAÇO THE LEGITIMATION OF TEXTUAL PRODUCTION IN THE CYBERSPACE

Marcelo José da Silva¹

RESUMO: A expansão das novas tecnologias e a facilidade de acesso ao computador e à internet tem provocado mudanças significativas nas práticas sociais e culturais. Superada a visão inicial de que a Internet seria um empecilho para a área educacional, estamos agora diante de uma nova problemática: a não legitimação da produção textual no ciberespaço. Reconhecidamente, o espaço virtual da rede de computadores tem se mostrado um farto campo para pesquisas e um facilitador para a democratização de acesso à artigos, revistas acadêmicas, e-books, etc. Da mesma forma, a internet tem propiciado novas experiências no campo da leitura, e tem ainda resgatado a tradição da escrita através de blogs e sítios literários. Por consequência, a alta cultura e os meios educacionais, exercendo o seu poder de estância legitimadora, tem classificado esta produção como de baixa qualidade. Este artigo procura mostrar como se constrói esta legitimação e a importância de uma mudança de paradigma em relação a digitalização da escrita e, consequentemente, do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: internet, produção textual, legitimação

ABSTRACT: The spreading of new technologies and the facility of access to the computer and the Internet has changed social and cultural practices significantly. After overcoming the initial vision that the Internet would be an obstacle to the educational area, we are now facing a new problem: the non-legitimacy of textual production in cyberspace. Admittedly, the virtual network of computers has been a plentiful field for research and a facilitator for the democratization of access to articles, academic journals, e-books, etc. Similarly, the Internet has provided new experiences in the field of reading, and has redeemed the tradition of writing in literary blogs and sites. Consequently, the high culture and educational areas, exercising its power of legitimating office, have classified this production as low quality. This article tries to show how the legitimacy is built and the importance of a change of paradigm related to the digitization of writing, and therefore, the digitization of knowledge.

KEYWORDS: internet, textual production, legitimation

1. Introdução

¹ Mestre em Letras (Estudos Literários). Professor da Faculdade Intermunicipal do Noroeste do Paraná – FACINOR (Loanda – PR). Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. marcelojosilva@ig.com.br.



A utilização do computador em larga escala e as facilidades proporcionadas por ele, sobretudo com o advento da internet, está a provocar mudanças significativas nas práticas sociais e culturais, incluindo as várias práticas acadêmicas, de modo especial a leitura e a escrita.

Passado o primeiro momento, em que se imaginou o uso das novas tecnologias como algo capaz de destruir a relação existente entre o leitor/escritor e o livro, estamos a nos aproximar do momento da acomodação dessas idéias, como aconteceu com o faraó Thamus ao ser apresentado à escrita por Hermes, seu suposto inventor. As instâncias legitimadoras do saber mostraram-se temerosas diante da proliferação da produção textual em circulação na internet, dando origem a discussões, às vezes apaixonadas, sobre autoria, leitor e texto. Em tom profético, e por que não dizer apocalíptico, chegou-se mesmo a anunciar que a produção e recepção do texto, tendo como suporte os aparatos tecnológicos, trarão como consequência a morte do livro impresso.

Não menos importante, e o que nos propomos a discutir neste artigo, é o debate que surgiu em relação à classificação da produção textual disponível na internet, seja em blogs, sítios denominados ou que se autodenominam literários, e comunidades virtuais, como sendo textos de baixa qualidade, pouca credibilidade e confiabilidade duvidosa.

Entendemos ser necessário esse olhar quando observamos que apesar de um número considerável de pesquisas direcionadas a: a) demonstração da contribuição das novas tecnologias para a inclusão digital no Brasil; b) compreensão das concepções de autor, leitor, leitura e texto; e c) verificação do papel das novas tecnologias nas mudanças e no surgimento de novas práticas culturais, de modo específico, no fazer literário; ainda são tímidos os trabalhos que objetivam verificar qual o lugar ocupado pela produção textual no ciberespaço.

2. O ciberespaço como lugar da não existência

A história, inclusive a literária, e as práticas culturais, tem sido apreendidas no decorrer dos tempos como algo linear e ascendente. Suas formas de transmissão revelam uma percepção da evolução que denota um melhorar das novas práticas em relação às anteriores.

O temor de que a invenção da escrita resultaria no abandono da prática de memorização, da transmissão de histórias e dos conhecimentos até então adquiridos na e pela oralidade, ressurgiu quando da invenção da imprensa por Gutemberg. Momento esse em que se observou a

Marcelo José da Silva



substituição dos vitrais das catedrais pelo livro impresso e reprodutível tecnicamente como forma de transmissão de cultura e ensinamento. A questão que se levanta agora é saber se o livro, da maneira como o conhecemos hoje, estaria correndo o risco de ser sobrepujado pelas possibilidades de leitura do texto digital, tornando-o um produto descartável, o que nos coloca diante da falácia de que a incorporação de novas práticas leva invariavelmente ao abandono das práticas anteriores. Segundo Chartier: “Insistir na importância que manteve o manuscrito após a invenção de Gutemberg, é uma forma de lembrar que as novas técnicas não apagam nem brutal nem totalmente os antigos usos, e que a era do texto eletrônico será ainda, e certamente por muito tempo, uma era do manuscrito e do impresso” (2002, p. 8)

A resistência ao novo faz surgir desses discursos uma vontade de verdade, que se apresenta como fator excludente das práticas literárias no ciberespaço na medida em que coloca em discussão a validade ou não dessas práticas, já que, segundo Foucault (1996, p. 18), a “vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”.

O problema que estamos a lidar situa-se, assim, no campo do jogo de poder. Um jogo de forças em que de um lado posicionam-se a academia e o sistema editorial, numa representação da elite cultural, intelectual e econômica, e de outro um pequeno, mas crescente grupo de pesquisadores, uma quantidade considerável de escritores e a massa representada por um grande contingente de leitores.

Há, sem dúvida, um jogo subreptício ocorrendo na medida em que se observa uma luta na qual a massa procura estabelecer o valor de seu produto, enquanto a elite intelectual mostra-se mais interessada em manter “o valor de seus produtos e de sua própria autoridade de produtor legítimo” (BORDIEU, 1983, p. 127) e estabelece um sistema de subordinação dos saberes.

Essa divisão histórica elite/massa aponta para a direção de que a produção literária disponibilizada na internet, apesar de sua popularidade, e talvez por esse mesmo motivo, não passa pelo crivo da crítica, permanecendo em seu caráter ignoto. O universo de possibilidades para o texto, o surgimento de novos gêneros textuais e o contato com o texto imagético enquanto veículo do discurso tornam-se reféns da necessidade de uma chancela legitimadora, com função semelhante ao selo real de aprovação concedido pelos censores da Inquisição e do Iluminismo e que estabeleciam, segundo Darnton (1992, p. 221), “um padrão oficial em



comparação com o qual as leituras comuns poderiam ser avaliadas”. Consequentemente, estamos a lidar com uma produção técnica e multimidiática colocada à margem, como alvo do desprezo e da ignorância de parte da alta cultura.

Obviamente, é necessário que ressalvas sejam feitas. Como percebeu Corrêa (2005), a reticência ou desprezo com que é vista a técnica digital não ocorre de modo uniforme. As chamadas ciências “duras” como a medicina, a física e a química anteciparam-se e souberam tirar proveito da ferramenta eletrônica, ao passo que as ciências humanas mantiveram seu *modus operandi* tradicional e, ainda hoje, buscam soluções para lidar com os problemas que surgem com as novas tecnologias. Um bom exemplo desse desencontro é a dificuldade da linguística diante da nova forma de escrita criada na comunicação via e-mail ou nas salas de bate papo.

No campo das humanidades, estamos diante de uma posição defensiva do saber estabelecido que com o objetivo de manter sua hegemonia estabelece o valor da obra literária, prescreve os padrões de aceitabilidade do texto, elege os autores dignos de fazer parte do cânone e toma para si o direito de julgar o que é bom, ou não, tendo como base, muitas vezes, a autoridade concedida pelo lugar de onde se fala e pelo poder do saber intelectual que, segundo Foucault (1979), barra, proíbe e invalida o discurso e o saber da massa.

Caso análogo foi observado por Joanilho ao analisar a fotonovela enquanto fenômeno editorial nas décadas de 50 a 70 do século passado, e sua não aceitação enquanto elemento artístico/literário, o que levou a pesquisar e concluir que “todo bem cultural dirigido às massas passa por uma não-análise, quer dizer, há uma derrisão em torno desses artefatos que não merecem a tinta do crítico de arte” (2008, p. 531).

Essa postura prevalece quando estamos a analisar as manifestações literárias que encontram na internet o seu principal veículo de transmissão. Apesar de verificarmos um número significativo de sítios literários, blogs, listas de discussão e comunidades nas páginas de relacionamento, tais manifestações permanecem no entre-lugar do discurso, em grande parte pela idéia de que o ciberespaço é o lugar apropriado para a publicação daqueles que não conseguem publicar seus textos em suporte não virtual. Isso equivale a dizer que a existência de tais textos só é possível na e pela virtualidade, espaço em que inexistem a figura do censor e de critérios claros estabelecidos para a publicação, que acaba por criar uma espécie de vale tudo editorial, como é percebido na fala de Almeida:



A facilidade de publicação e o baixo custo permitem que praticamente qualquer pessoa com um computador e acesso à Internet possa criar e disseminar informação mundo afora. Ao contrário de editoras estabelecidas, em que a publicação de um livro é precedida de um processo bastante criterioso de avaliação e revisão, na Internet todos esses papéis são exercidos frequentemente por uma única pessoa, em um processo extremamente propenso a erros. (2003, p. 91) (grifo nosso).

A produção textual disponibilizada na Internet é vista *a priori* como de pouco, ou nenhum valor. A cultura letrada, na maioria das vezes, rotula o produto da escrita no ciberespaço como inferior, invocando questões como a pouca confiabilidade e o desconhecimento do autor. Seu reconhecimento e utilização dependerão de valores outros, externos ao texto. Desse modo, teremos a autoria, o espaço de veiculação, ou seja, o sítio em que se encontra e o local de origem do texto como critérios validativos dessa produção. Esses quesitos apresentam ainda uma gradação, quanto maior o reconhecimento do autor ou da Instituição de onde o texto se origina, maior será sua validade.

Outra categoria de textos fica, desse modo, à margem da discussão. São aqueles escritos encontrados em páginas pessoais e sem vínculos acadêmicos, como é comum encontrarmos na internet. Para esses, Morais apresenta algumas sugestões:

é importante questionarmo-nos sobre quem é o autor, editor ou produtor da página e se o(s) podemos contactar. Qual o seu título, a que organizações pertence, informação biográfica, etc. Por outro lado, importa apurar se a experiência, qualificações e credenciais do autor sobre o tema abordado é relevante, para podermos determinar a autoridade e credibilidade do autor na matéria. (www.miudossegurosna.net/artigos/2008-02-01.html)

Como podemos observar, esses critérios reforçam a visão institucionalizada pelo meio acadêmico em relação à necessidade de legitimação da produção textual disponibilizada no ciberespaço, e que passa invariavelmente pela pertença do indivíduo-escritor ao círculo da alta cultura. O que Morais parece não se dar conta, é de que o ciberespaço promove modificações no modo de se pensar o autor e o leitor, e altera a própria maneira de ler e ver o texto. Por conseguinte, torna-se mais difícil efetuar uma avaliação de acordo com os padrões estabelecidos e aceitos tradicionalmente.

As diversas formas de escrita potencializadas pela Internet fazem surgir diferentes concepções de autoria. Como discute Corrêa (2005) e Lima (2008), a autoria no ciberespaço passa

Marcelo José da Silva



a ser algo questionável já que existe a possibilidade de atribuí-la a outros, assumir a autoria de textos de outrem ou mesmo de escrever o texto a várias mãos. E mais, a produção textual ciberespacial apresenta características da produção e transmissão oral medieval, período em que o texto assume um status maior do que o autor, e que o anonimato ou as diferentes versões de um mesmo texto não implicavam em sua recusa ou aceitabilidade, o que facilmente é comprovado pela quantidade de obras de autoria incerta resgatadas do período medieval e que fazem parte dos cancioneiros provençais.

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. Nesse processo desaparece a atribuição dos textos ao nome de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escrita coletiva, múltipla, polifônica. (CHARTIER, 2002, p. 25)

Desta forma, o autor, ao tornar-se uma entidade ainda mais abstrata, mais distante do texto, perde sua condição de autoridade e coloca em xeque a idéia de que a autoria de um texto pode ser utilizada como critério de avaliação da qualidade deste. O que tem se mostrado verdadeiro diante do texto na Internet é o aumento da responsabilidade do leitor, sua capacidade para estabelecer critérios, avaliar e, sobretudo, transformar a informação em conhecimento.

Não há como negar a proliferação da produção textual no ciberespaço. Seria ingenuidade afirmar que tudo o que tem sido produzido pode ser utilizado livremente, sem maiores análises, afinal a qualidade nem sempre aumenta na mesma proporção que a quantidade, e isso vale para todas as áreas. Entretanto, não se pode classificar como “lixo” tudo o que é disponibilizado na internet. Se a produção ora apresentada é de baixa qualidade, cabe à academia e à alta cultura intervir para mudar esse panorama. Principalmente se observarmos que a escrita ciberespacial tem contribuído para a reconfiguração da cartografia literária brasileira.

Veza ou outra é possível encontrar demonstrações de indignação e surpresa daqueles que se arriscam a uma incursão no mundo da textualidade digital exposta na rede: “O que chamou a atenção foi a alta qualidade. Tem muita coisa boa na internet, e eu pensava que fosse só entulho” (<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=450ASP003>), afirmou a professora e pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda após a leitura de textos e poemas para a organização de uma mostra sobre a literatura produzida na internet. A reação de uma intelectual e entusiasta

Marcelo José da Silva



da literatura produzida na web dá voz novamente a uma ideia pré-concebida em relação a essa produção.

3. A utilização do blog como vetor para os textos literários

Num momento em que se lê muito pouco e fala-se muito da necessidade de despertar o gosto pela leitura, inclusive com programas governamentais e não- governamentais de incentivo, o ciberespaço apresenta possibilidades libertárias para o texto e contribui para difundir a cultura da leitura e da escrita, inclusive com reflexos no mercado editorial.

Muitos escritores começaram, ou firmaram sua escrita e interferência no meio literário através de ferramentas disponíveis na web, principalmente utilizando o blog como vetor para seus textos literários. Não são raros os casos em que a constância da escrita para manutenção de um blog resultou na redescoberta do prazer de escrever. Em sua última postagem no blog “100 meias confissões de Aninha”, criado e mantido pela publicitária de formação e escritora Ana Maria Gonçalves, a autora confessa a importância desse veículo na sua decisão de retomar o hábito da escrita abandonado na adolescência. Como resultado, a escritora lançou, no final de 2002, em edição independente, o seu primeiro romance. A “blogosfera” foi responsável pela venda de quase toda a edição de 1000 exemplares: “Foi um dos primeiros livros vendidos teclado-a-teclado, ou seja, através da divulgação de blogueiros amigos, quase sem a ajuda da grande mídia e sem qualquer estratégia de distribuição para as livrarias”, afirma a autora. (<http://anamariagoncalves.blogspot.com/2006/03/confisso-54.html>)

Como geralmente acontece, a escritora deixou de postar em seu blog para dedicar-se, após o lançamento de seu segundo livro, e desta vez por intermédio de uma grande editora, à escrita de novos livros. O que chama a atenção nesse, dentre os muitos casos de blogs que viraram livro, é que a autora decidiu por não lançar uma segunda edição do livro originado no blog, mas sim disponibilizá-lo em forma de *posts* como forma de agradecimento a tudo o que os *blogs* lhe deram.

A situação nem sempre é a mesma. Há muitos livros que não sobrevivem sem o blog dos quais se originou, do mesmo modo em que há blogs que morrem após a transferência do seu conteúdo para o suporte de papel. Uma terceira categoria é formada por blogs e livros que não sobrevivem devido à suas qualidades. Como podemos observar, há diferença entre blog e



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

literatura, o que significa dizer que não há uma literatura de blog. O que encontramos na internet e que está a despertar cada vez mais interesse no meio acadêmico é a utilização do blog enquanto espaço para produção textual e a circulação desses textos literários ou não.

Além da formação de público, outra contribuição do blog para a área da literatura do ponto de vista do escritor, é a possibilidade de troca de informações com o seu leitor. A recepção e a crítica do texto quase instantaneamente funcionam como um *feedback* em que o autor pode verificar o alcance de sua obra, recolher os comentários e produzir alterações em seu texto e, ainda, como um termômetro da obra, capaz de abrir as portas do mercado editorial. Condição que o grupo de escritores conhecidos como “geração mimeógrafo” não gozou na década de 70, em grande parte em consequência da pequena circulação do material produzido.

Escritores como Ana Cristina César, Torquato Neto, Waly Salomão e Antonio Carlos de Brito, o Cacaso, entre outros, imprimiam seus livros em off-set, xérox ou fotocópia numa tentativa de “burlar o esquema editorial montado em cima do livro” como informa Nicholas Behr (www.nicolasbehr.com.br/pageracaomim.htm), um dos nomes importantes dessa geração. Havia, é certo, uma questão ideológica que levava esses autores, considerados marginais, a escreverem, editarem e distribuírem seus próprios livros. Uma atitude de rebeldia diante das dificuldades encontradas para a publicação de suas obras, ou apenas um modo alternativo de se colocarem no mercado livresco, por não serem aceitos nas grandes editoras.

Considerações Finais

A utilização do ciberespaço como suporte para a escrita, e a disponibilização de textos literários na internet é vista por um lado como forma de democratização do acesso à produção textual. No outro extremo, o reconhecimento dessa produção é percebido como uma violação resultante do processo de massificação. Nos dois casos estamos a lidar com o próprio conceito de literatura e seu *status* em tempos de escritas virtuais.

Entretanto, parece haver pontos em que as duas correntes convergem. O mais importante deles seria o incremento da leitura propiciada pela disponibilização de textos que estão a circular no “mundo virtual”. Segundo pesquisa efetuada pelos professores Fábio Sá Earp, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e George Kornis, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: “Milhões de brasileiros alfabetizados não leem porque não são estimulados, ou porque

Marcelo José da Silva



vivem em cidades onde não há bibliotecas" (www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=5900).

Outro fator a ser considerado, é o fomento da discussão em torno de textos literários e seus autores nas páginas de relacionamento. Como pode ser observado, longe dos espaços legitimadores, como as salas de aulas, por exemplo, e privados da presença do poder de autoridade, o professor, os leitores sentem-se à vontade para discutir e comentar o texto literário e de certo modo acabam por assumir a figura do crítico literário embora, na maioria das vezes, desprovida de instrumental teórico.

Devemos ainda considerar a possibilidade de acesso a obras em forma de *e-book* e a potencialização da utilização da Internet para a pesquisa. Na atualidade, esse facilitador tem sido largamente utilizado por pesquisadores que se situam longe dos grandes centros, em locais de pouco acesso a bibliotecas e livrarias.

Os benefícios trazidos pela modernidade e pelas novas tecnologias apresentam-se como formas renovadoras das práticas culturais. A digitalização do conhecimento e a produção textual direcionada ao ciberespaço encontram-se num estágio de evolução que torna impossível pensar em um retrocesso, ou estagnação. Da mesma forma em que a academia avança na disponibilização de revistas acadêmicas e publicações on-line de resultados de pesquisa, a legitimação da produção textual no espaço virtual caminha rumo a sua efetivação que parece estar a ocorrer não pela norma, mas pelo uso da mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Rubens Q. de (2003). O leitor navegador (II). In: FREIRE, Fernanda M. P. (et all). **A Leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez.
- BOURDIEU, Pierre (1983). O Campo Científico. In: _____. **Sociologia**. São Paulo: Ática.
- CHARTIER, Roger (2002). **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp.
- CORRÊA, Almir Aquino. Técnica e valor do texto literário na era digital. In: JOBIM, José Luís (org) (2005). **Literatura & Informática**. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- CORRÊA, Regina H. M. A. (2006). Autoria e virtualidade. In: _____. **Nem fruta nem flor**. Londrina: Humanidades.



DARNTON, Robert (1992). História da leitura. In: BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP.

FOUCAULT, Michel (1979). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.

____ (1996). **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola.

JOANILHO, André L.; JOANILHO, Mariângela P. G. (2008). **Sombras literárias: a fotonovela e a produção cultural**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, vol. 28, nº 56, jul-dez.

LIMA, Elaine A. Autor e leitor em tempos de literatura virtual. In: CORRÊA, Almir A. (org) (2008). **Mistificação e paranóia**. Londrina: UEL.

Fontes Webgráficas

BEHR, Nicholas. **Geração mimeógrafo**. Disponível em <http://www.nicolasbehr.com.br/page/racaomim.htm>. Acesso em 28 de maio de 2009.

EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. In: VELLOSO, Beatriz. **Mercado Editorial Brasileiro / Agonia ou salvação**. Disponível em www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=5900 Acesso em 01 de junho de 2009.

GONÇALVES, Ana Maria. **100 meias confissões de Aninha**. Disponível em <http://anamaria.goncalves.blogspot.com/2006/03/confisso-54.html>. Acesso 02 de junho de 2009.

HOLLANDA, Heloisa B. de. In: VIANA, Luiz Fernando. **Mostra avalia literatura produzi da na internet**. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=450ASP003>. Acesso em 06 de junho de 2009.

MORAIS, Tito de. **Cinco critérios para avaliar web sites – parte I**. Disponível em www.miudossegurosna.net/artigos/2008-02-01.html. Acesso em 05 de junho de 2009.